

## **ESPAÇO ESCOLAR E VIVÊNCIA COTIDIANA GAY: ENTRE ALIANÇAS, DISTANCIAMENTOS E PARADOXOS<sup>1</sup>**

Marcio Jose Ornat

*Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR*

Renata Alves Baretto Mainardes

*Colégio Estadual Jorge Queiroz Netto – Piraí do Sul – PR*

Joseli Maria Silva

*Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR*

### **Resumo**

A presente discussão tem por objetivo compreender como o espaço escolar constitui a vivência cotidiana gay nos Colégios Estaduais<sup>2</sup> localizados no município de Piraí do Sul<sup>3</sup> – Paraná. A escola coloca-se enquanto uma espacialidade que vai além de um local de apropriação de conhecimento, mas componente da existência social, constituído-constituente de significados, dentre eles o das sexualidades. Atualmente, esse espaço escolar, que até então era formado majoritariamente por meninos e meninas, passa a ser constituído não apenas por este par de opostos, mas por uma outra conjunção de 'norma' e 'desvio da norma'. De um lado meninos e meninas, e de outro lado, grupos de gays e/ou lésbicas. Assim, a partir da resposta de campo relacionada a aplicação de questionário à alunos gays e não gays, professores e funcionários, evidenciamos como o espaço escolar estrutura as relações sociais entre gays e comunidade escolar a partir de distanciamentos, paradoxos e alianças.

Palavras-chave: Espaço escolar; vivência gay; homofobia.

### **Considerações Iniciais**

A incentivação para a construção deste trabalho deu-se através de fatos que aconteceram nos Colégios Estaduais, vivenciados enquanto espacialidades de docência, no

---

1 Esta reflexão nasceu do texto de Monografia de Conclusão de Curso Intitulada “Espaço escolar e vivência cotidiana gay no município de Piraí do Sul – Paraná” (DEGEO – UEPG, 2010).

2 Piraí do Sul possui 7 Pré-Escolas, 23 escolas de Ensino Fundamental e 2 escolas de Ensino Médio. Em 2009 possuía 842 matrículas no Ensino Médio. (IBGE, 2010).

3 Piraí do Sul possui uma população total de 23.425 habitantes, com 31,25 % de população residindo no rural e 68,75% residindo na sede do município (IBGE, 2010). Sua sede fica a 187 km da capital do Paraná – Curitiba.

município de Piraí do Sul - Paraná. Em uma destas espacialidades, um aluno gay sofria preconceito e discriminação, ações estas que culminaram na recusa de uma das merendeiras em servir a refeição para o referido aluno, utilizando-se da seguinte frase: 'eu não vou servir lanche para esse viadão'.

A partir deste fato, objetivamos compreender como o espaço escolar constitui a vivência cotidiana gay<sup>4</sup> nos Colégios Estaduais localizados no município de Piraí do Sul – Paraná. Todo o conjunto de reflexões tem por subsídio as respostas da aplicação de questionários<sup>5</sup> à 375 alunos da 'Colégio A'<sup>6</sup> e 17 alunos da 'Colégio B'. Da mesma forma, fora aplicada questionário a 16 professores e 22 funcionários que trabalhavam em ambos os colégios.

O questionário aplicado era constituído por questões de múltipla escolha relacionadas à frases onde cada inquirido deveria escolher entre concordo pouco, concordo muito, discordo pouco, discordo muito. As frases utilizadas foram: *Não evito, mas também não procuro chegar perto de homossexuais; As escolas deveriam demitir professores homossexuais; Os professores que não são gays são mais respeitados pelos estudantes; Alunos homossexuais deveriam estudar em sala separadas das demais; Caso exista um homossexual na sala de aula, os pais deveriam transferir seu filho de escola; Alunos homossexuais deveriam ser afastados da escola; Eu não aceito a homossexualidade; A homossexualidade é uma doença; e Alunos homossexuais não são alunos normais.*

A partir destes subsídios, estruturamos nossa reflexão em dois momentos. No primeiro discutimos a relação entre espacialidade escolar e vivência cotidiana gay, para no segundo momento tratamos sobre as alianças, distanciamentos e paradoxos, tendo por exemplo os referenciais empíricos localizados no município de Piraí do Sul – Paraná.

## **Espaço Geográfico, Espaço Escolar e Vivência Cotidiana Gay**

Em toda a construção da Geografia enquanto ramo do conhecimento, o conceito de espaço se confunde com o próprio desenvolvimento desta ciência. Na sua reflexão sobre a

4 Nos dois Colégios Estaduais existem cinco alunos que são gays declarados.

5 Os questionários aplicados a professores, alunos e funcionários foram adaptados dos questionários aplicados pelo PROJETO DE ESTUDO SOBRE AÇÕES DISCRIMINATÓRIAS NO ÂMBITO ESCOLAR, ORGANIZADAS DE ACORDO COM ÁREAS TEMÁTICAS, A SABER, ÉTNICO-RACIAL, GÊNERO, GERACIONAL, TERRITORIAL, NECESSIDADES ESPECIAIS, SOCIOECONÔMICA E ORIENTAÇÃO SEXUAL (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP. 2009, p. 71-3).

6 Optamos por denominar as espacialidades escolares de Colégio A e B devido ao interesse de proteger nossas fontes.

categoria geográfica espaço, Corrêa (1995) disserta que a expressão espaço geográfico aparece cotidianamente estando ligada ou a uma porção específica da superfície da Terra ou a forma como a humanidade imprimiu sua marca nela. Entretanto, considerando o espaço enquanto umas das categorias da ciência geográfica, abordamos nessa discussão este conceito não como uma única possibilidade, mas como uma estratégia produtiva de dar inteligibilidade a relação entre escola e vivência cotidiana gay. Como visto por este autor, o espaço geográfico foi analisado de varias maneiras no decorrer de todo o desenvolvimento da Ciência Geográfica, desde a uma simples área, até uma instância da sociedade, reflexo e condição de relações sociais. Contudo, alguns elementos em toda esta discussão são de fundamental importância na compreensão de como o espaço escolar constitui a vivência cotidiana gay no município de Piraí do Sul – Paraná.

Segundo Santos (1986), o espaço é resultado de uma construção cotidiana, uma instância da sociedade, e que os sujeitos sociais constroem e são simultaneamente construídos através de suas espacialidades. A partir desta reflexão podemos levar em conta que o espaço escolar é construído tanto por grupos que correspondem como por aqueles que não correspondem a heteronormatividade vigente (BUTLER, 2003), produzindo constantemente uma espacialidade formada pela diversidade. Da mesma forma, como visto por Junckes e Silva (2009), esta construção, pelo fato de ser forjada pela multiplicidade, também é instituída e instituinte de preconceitos, constituído e constituinte de significados, dentre eles o das sexualidades, ou do medo e desprezo pelos homossexuais, denominado de homofobia.

Pensamos que esta última possibilidade dissertada em relação a categoria espaço possui uma interface muito produtiva com as proposições de Massey (2008). Segundo a autora, podemos pensar o espaço segundo alguns elementos:

Primeiro, reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão global até o intimamente pequeno (...). Segundo, compreendemos o espaço como esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto da coexistência da heterogeneidade (...) Terceiro, reconhecemos o espaço estando sempre em construção.(MASSEY, 2008, p. 29)

Seguindo os elementos de Massey, em nossa discussão podemos identificar as três proposições. O espaço escolar coloca-se como produto de inter-relações, estas relacionadas à interação da comunidade escolar, professores, funcionários e alunos, sejam esses homossexuais ou não.



Da mesma forma, esta mesma multiplicidade demanda esta espacialidade específica para existência. Finalmente, o espaço constitui-se pelo movimento, estando sempre em construção, não sendo um sistema fechado, acabado, ele está sempre em (re)construção.

Retomando o tema de nossa reflexão, que se refere a questão de como o espaço escolar constitui a vivência cotidiana gay do município de Piraí do Sul - Paraná, encontramos contextos diferentes para cada espaço dentro do ambiente escolar, como a quadra de esportes, a espacialidade dos intervalos de aula, as salas de aula, salas de direção, banheiros, a espacialidade da saída das aulas, etc. Todas estas possibilidades espaciais são vivenciadas de forma diferente pelos distintos grupos que constituem o espaço escolar. Mas cabe aqui salientar que os diferentes grupos vivenciam diferentemente as intra-espacialidades da escola, vivência esta atravessada por relações de poder.

Portanto, uma interessante possibilidade coloca-se na reflexão do espaço escolar a partir da multiplicidade de posicionamentos no tocante as relações de poder. Neste caminho, propondo o conceito de 'espaço paradoxal', Rose (1993) disserta que a posição do indivíduo não é única, é multidimensional e plurilocalizada, ou seja, um sujeito pode mudar sua posição em determinada estrutura de forças com a dependência do elemento que se leva em consideração como renda, cor de pele, gênero, prática sexual, etc.

É este jogo de forças que pode desestabilizar o poder adquirido, promovendo assim mudanças importantes na estrutura das relações socioespaciais. Temos uma escola constituída pela heterossexualidade compulsória, forjando uma espacialidade heterossexual, contudo, heterossexualidade invisível. Esta heterossexualidade espacial é tornada visível apenas quando suas fronteiras são transgredidas (VALENTINE, 1993), ou seja, com a existência de alunos que não correspondem a esta heterossexualidade compulsória. Assim, como visto pela autora, a heterossexualidade é a sexualidade dominante na cultura ocidental moderna. Todavia, esta não se define apenas por atos sexuais realizados em espacialidades privadas, mas um complexo jogo de relações de poder que se estrutura na maioria dos ambientes cotidianos, estando dentre eles os espaços escolares.

Nesta mesma orientação, Massey e Keynes (1999) apontam que as espacialidades são possibilidades de construção de novas trajetórias, produzindo novas formas de existência social, instituindo construções potenciais de novas identidades e relações de alteridade. Portanto, a espacialidade coloca-se como de extrema importância na compreensão dos fenômenos que envolvem relações de poder, neste caso, das relações entre grupos homossexuais e não homossexuais através do espaço escolar.

Em sua discussão, Ornat (2008) propõe que as reflexões entre sexualidade, gênero e espacialidade podem ser um atraente caminho a ser seguido para tirarmos os nossos olhos de um pequeno mundo e nos elevarmos para um grande mundo, rico e complexo, a partir de trocas empíricas e teóricas. Para o autor, devido ao fato de não haver um gênero ideal localizado em alguma posição social, as normas ou elementos de gênero seriam apropriadas ou re-significadas pelos sujeitos, e assim, instituindo novas espacialidades, e como no nosso caso, do espaço escolar.

Atualmente esse espaço escolar que até então era formado por homens e mulheres, passa a ser constituído não apenas por este par de opostos, mas por uma outra conjunção de 'norma' e 'desvio da norma', ou seja, de um lado homens e mulheres, ou meninos e meninas, e de outro lado, grupos de gays e / ou lésbicas.

Cabe aqui salientar que estes dois grupos não são estanques, mas relacionam-se das mais variadas formas, constituindo várias possibilidades de aliança. As espacialidades referem-se a vários espaços sejam eles rurais, urbanos, na representação de identidades de gênero masculina, feminina ou de gays e lésbicas.

O espaço escolar é repleto de relações e inter-relações. Seguindo as proposições de Massey (2008), o espaço escolar, tanto quanto qualquer outra espacialidade, é composta por inter-relações, sendo a esfera da multiplicidade que está sempre em construção.

Em nosso trabalho de campo, pudemos evidenciar que o espaço escolar é uma espacialidade aberta, estando sempre em formação, constituído por variáveis relações de poder, pois em uma determinada espacialidade intra-escolar, as pessoas que a compõe, ora se colocam na margem, ora no centro destas mesmas relações.

Segundo Foucault (1998), o poder normativo, e no tocante a esta discussão, relacionado às normas de gênero e sexualidade, não é constituído por uma simples contraposição entre dominados e dominantes, mas da mesma forma, por complexidades existenciais e, portanto, espaciais. Segundo suas palavras, o poder não é algo que se adquira, como algo que se possa compartilhar ou se deixar escapar. Para ele, “o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1998, p. 104) e espacialmente plurilocalizadas.

Podemos evidenciar essas relações na convivência dos alunos gays com a comunidade escolar. Em certas espacialidades, os gays são considerados periferia, onde muitas pessoas os marginalizam. Mudando a espacialidade, as relações mudam, pois se no pátio da escola os gays são marginalizados, em meio às espacialidades compostas por relações entre gays e

'amigas', eles são o centro das atenções, ou seja, são vistos como localizados no centro das relações de poder. Isso mostra que o espaço não existe antes de identidades / entidades e de suas relações (MASSEY, 2008).

O espaço não existe sem suas relações e identidades. Como visto por Ornat (2009), discutindo a relação entre a produção de territórios da prostituição e a instituição de uma identidade travesti, todas as espacialidades vivenciadas por estas pessoas confluem para o espaço que se torna território, mesclando-se todas as experiências sociais constituindo outras espacialidades. Da mesma forma, estas mesmas espacialidades constituem uma identidade de grupo travesti. Por outro lado, como defendido por Massey (2008) as espacialidades são constituídas por inter-relações, da mesma forma que as inter-relações são constituídas por espacialidades. No caso da presente reflexão, em conversas informais, os gays relataram que um dos motivos para andarem como meninas é a influência de suas mães, tias e etc, constituindo assim sua identidade a partir de várias espacialidades relacionadas ao cotidiano familiar. Para muitos, quando se pergunta como se sentem, eles dizem como uma mulher que nasceu em um corpo masculino e teve que achar sua própria identidade.

O espaço como esfera da multiplicidade é um fator relativamente novo nas reflexões geográficas, como propõe Massey (2008), e ainda mais quando buscamos dar inteligibilidade as configurações de poder estruturantes do espaço escolar. A partir desses novos discursos compreendemos que o mundo não é, ou nunca foi feito de igualdade e sim de diferenças, e que essas diferenças contribuem em muito para a formação do espaço tal quanto às relações desenvolvidas através dele. O mundo em que vivemos não é homogêneo.

No espaço escolar não é indiferente, pois ele é composto por diferenças que atualmente começam a ser evidenciadas. Antes essas diferenças eram camufladas, mas atualmente uma onda de inclusão, seja de gênero, classes sociais ou até mesmo para portadores de necessidades especiais começam a receber inteligibilidade.

Todavia, o simples fato de se falar não quer dizer que uma política de igualdade, ou de políticas distintas para grupos distintos esteja produzindo espacialidades mais inclusivas, pois esta mesma espacialidade produz sofrimento nas pessoas que não correspondem com os padrões de 'normalidade' do que é ser homem ou mulher. Assim, na próxima seção, trataremos das questões envolvendo as alianças, os distanciamentos e os paradoxos da relação entre gays e a comunidade escolar a partir do exemplo de Pirai do Sul – Paraná.

### **Entre Alianças, Distanciamentos e Paradoxos: o exemplo de Pirai do Sul – Paraná**

Neste momento realizamos uma análise das respostas dos questionários aplicados a professores, alunos e funcionários dos Colégios Estaduais, no município de Piraí do Sul – Paraná. Foram aplicados 375 questionários aos alunos do 'Colégio A', nos três turnos, matutino, vespertino e noturno, bem como nos três anos do Ensino Médio<sup>7</sup>. Os mesmos também foram divididos entre 186 alunos e 189 alunas. No 'Colégio B' foram aplicados 17 questionários aos alunos do 1º ano do Ensino Médio<sup>8</sup>. Os alunos entrevistados estavam na faixa etária de 15 anos à 17 anos, totalizando 5 alunos e 12 alunas.

Dezesseis professores aceitaram participar da pesquisa, possuindo idades que variavam de 25 anos à 51 anos. Estas análises não foram agrupadas por colégios, devido ao fato de que os mesmos exercem a docência nas duas especialidades<sup>9</sup>.

Com os funcionários<sup>10</sup> foram aplicados 22 questionários, variando a idade dos depoentes entre 28 anos à 55 anos. Da mesma forma que os professores, os mesmos também não foram divididos por colégio, devido ao fato de que estes também trabalham nas duas especialidades.

A primeira afirmativa que analisamos agora é *Não evito, mas também não procuro chegar perto de homossexuais*. De forma geral, em relação a resposta dos alunos dos colégios obtivemos que no 'Colégio A' o percentual de alunos concordando (pouco ou muito) com a afirmativa são de 45%, maior que o percentual do 'Colégio B', de 24 %.

Pensando estes percentuais a partir do total de alunos, significa que 168 alunos do 'Colégio A' e 4 alunos do 'Colégio B' não evitam, mas também não procuram chegar perto de homossexuais. Estas mesmas informações coletadas de forma quantitativa são evidenciadas a partir da convivência com alunos gays a partir da prática pedagógica, quando estes alunos relatam que muitos alunos mantêm distanciamento de alunos gays.

A partir do desmembramento dos dados, temos comportamentos específicos tanto de meninos quanto de meninas no tocante a sua relação com grupos homossexuais. No tocante as respostas masculinas, temos que mais de 60% destes concordam com a afirmativa acima ('Colégio A' – 63%; 'Colégio B' – 60 %). Por outro lado, as respostas agrupadas a partir do universo feminino demonstram uma discordância predominante em relação à afirmativa de que *Não evito, mas também não procuro chegar perto de homossexuais*. No 'Colégio A' temos

7 Esta escolha não foi realizada ao acaso. Resolvemos optar pelo Ensino Médio pelo fato dos alunos demonstrarem uma certa maturidade com respeito ao assunto, na faixa etária entre 14 anos a 20 anos.

8 O colégio passou a oferecer Ensino Médio apenas em 2010, somente com o 1º ano.

9 1 professor e 15 professoras.

10 2 funcionários e 20 funcionárias.



uma discordância de 72% e no 'Colégio B' uma discordância de 92%. Estas mesmas orientações são evidenciadas nas falas dos alunos gays, que nas aulas, na espacialidade da sala de aula, estes preferem sentar próximos a meninas que dos meninos.

Ao analisarmos as respostas em geral de todos os 16 professores, ou dividindo suas respostas em relação ao masculino – feminino, não temos grandes variações nos percentuais. Todos discordam muito da afirmativa relacionada acima. Em relação aos 22 funcionários, da mesma forma as respostas não sofrem variações.

Assim, nas respostas dos questionários de professores e funcionários, não há tanto preconceito em relação aos alunos gays, preconceito este localizado mais nas relações entre os alunos, como visto nos percentuais acima. Todavia, através da convivência em campo, fora notado que os professores têm preconceito, só que muitas vezes repreendido dentro de si, de certa forma, pelas políticas tanto a nível Estadual como Federal, contra ações discriminatórias. Mostra desta contradição é a frase pronunciada por um dos profissionais da área da educação, na sala dos professores, em um dos intervalos de aula: “Não sei por que está aqui (o aluno gay). Nunca vai ser ninguém na vida do jeito que é”.

Pensamos que as reflexões sobre as inter-relações constituintes do espaço escolar passam pelo aumento de visibilidade das minorias sexuais, como apontado por Louro (2004). Segundo a autora, as chamadas 'minorias' sexuais são hoje muito mais visíveis do que antes, e consequentemente, torna-se mais acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. Com isso, as relações no ambiente escolar envolvendo gays e a comunidade escolar geral se coloca como complicadas, na luta entre grupo homossexual e grupos conservadores. Esse embate atingiu um momento crítico, quando em um dos colégios, os professores se reuniram e exigiram a mudança do aluno gay do turno da manhã para a noite. Depois do ocorrido, o aluno, tendo sido desfeitas suas redes sociais de amizade, não conseguiu se adaptar no período da noite e acabou desistindo de estudar.

Analisando as afirmativas *As escolas deveriam demitir professores homossexuais* e *Os professores que não são gays são mais respeitados pelos estudantes*, as respostas relacionadas a professores e funcionários de forma geral discordam muito. Entretanto, em relação às respostas dos alunos o que fora evidenciado é distinto. Em relação à afirmativa *As escolas deveriam demitir professores homossexuais*, 18 % das respostas relacionada aos alunos do 'Colégio B' concordam muito e 6 % concordam pouco. Todavia, para a afirmativa *Os professores que não são gays são mais respeitados pelos estudantes*, temos 47 % das respostas concordando pouco ou muito.

Para as respostas dos alunos do 'Colégio A', temos a mesma configuração, em relação a frase *As escolas deveriam demitir professores homossexuais*, temos 16% concordando pouco ou muito, enquanto para a frase *Os professores que não são gays são mais respeitados pelos estudantes* temos 49% dos alunos concordando pouco ou muito. Isso prova que mesmo a homossexualidade não sendo motivo de demissão, professores homossexuais tem as mesmas dificuldades de relacionamento que os alunos gays.

Para a afirmação *Alunos homossexuais deveriam estudar em sala separadas das demais*, os resultados foram que de forma geral do 'Colégio A', 20% concordam pouco ou muito, enquanto 80% discordam pouco ou muito. Quando separado estes dados por sexo, temos que as meninas discordam muito mais desta afirmação (92%) que os meninos (59%). No 'Colégio B' os resultados totais dos alunos demonstram que apenas 6% concordam muito, e a grande maioria (94%) discorda pouco ou muito.

Após a análise das respostas da aplicação dos questionários tanto a professores quanto a funcionários, ambos são enfáticos em dizer que discordam muito dessa afirmação, de que alunos homossexuais deveriam estudar em sala separada dos demais. Entretanto, tal afirmação é contraditória com a movimentação realizada pelos professores para a transferência de turno de determinado aluno gay.

Na afirmação *Caso exista um homossexual na sala de aula, os pais deveriam transferir seu filho de escola*, os resultados foram que no 'Colégio A', 89% discordam pouco ou muito. Já no 'Colégio B' onde o universo de alunos é menor, nenhum dos alunos concorda com a afirmativa, e a grande maioria ainda escolheu a opção discordo muito 76% e 24% discordo pouco.

Do universo de funcionários com respeito a essa mesma pergunta obtivemos: 73% discordam muito e 27% discordam pouco. Em relação aos professores, 100% discordam da afirmativa. Essa informação é contraditória aos relatos que se pôde presenciar em campo. A partir da vivência em uma das espacialidades escolares, fora presenciado a entrada de um dos professores da sala de convivência de docentes. Este entrara revoltado na sala dizendo: “você viram essa nova lei de inclusão sei lá o que é, dos homossexuais. Que tipo (...) se eu fosse pai de um aluno eu iria reclamar, na escola onde está meu direito de liberdade, eles são perversos (risos dos professores)”<sup>11</sup>.

Tendo visto a grande problemática envolvida na vida cotidiana gay, o acesso junto ao grupo de alunos que não correspondiam a hetenormatividade compulsória fora complicado.

---

11 Relatos colhidos em campo através de diário de campo.

Isto se relaciona a todo o universo de respostas a seguir. Analisando a afirmação *Alunos homossexuais deveriam ser afastados da escola*, temos no 'Colégio A' 87% discordando pouco ou muito da afirmação. No 'Colégio B', como ocorrido na alternativa anterior 100% dos alunos escolheram as alternativas que discordavam. Da mesma forma, todos os professores discordaram muito da afirmação. Isso se repetiu entre os funcionários, discordando muito em 77% e pouco 23%.

Os resultados da pesquisa demonstram que em relação à questão *Eu não aceito a homossexualidade*, no 'Colégio A', 27% dos alunos concordaram pouco ou muito. Pode-se notar que mais da metade (73%) não concorda com a afirmativa. Todavia, os atos cotidianos demonstram o contrário, pois muitos alunos hostilizam os alunos gays diariamente. Esta contradição ocorre a partir das reflexões tanto da vivência espacial enquanto sujeito pesquisador, quanto dos registros realizados no diário de campo.

Da mesma forma, ao separar as respostas em masculinas e femininas, a diferença é considerável, pois segundo respostas agrupadas, 59% relacionadas ao universo masculino discordam da afirmativa, e 41% concordam. Em relação às respostas do universo feminino, 87% discordam e 13% concordam, apontando novamente para uma dificuldade maior de aceitação da homossexualidade pelos meninos que pelas meninas.

No 'Colégio B' os dados mostram uma diferença maior ainda, pois 82% discordam da afirmativa e 18% concordam. Em relação ao agrupamento das respostas entre masculino e feminino, temos 60% referente ao masculino discordam e 40% concordam com a afirmativa. Nas respostas agrupadas segundo o universo feminino, temos 92% discordando e 8% concordando com a afirmativa, repetindo-se o padrão de maior aceitação feminina que masculina em relação a homossexualidade.

Analisando as respostas dos funcionários, 95% discordam da afirmativa e 5% concordam. Estas informações contradizem com a própria vivência de pesquisa e dos registros em diário de campo, pois pelo observado, uma funcionária de um dos colégios não quis servir merenda a um dos alunos, usando a seguinte frase 'Eu não vou servir merenda a esse viadão', desencadeando com isso uma revolta no aluno, que a pedido da diretora deixou o assunto de lado.

Com os professores nenhum dos que responderam ao questionário concordaram com a afirmativa, 100% discordando totalmente da afirmação. Contrariando, também o observado em campo, em conversa na sala dos professores, um professor disse relacionado a um aluno gay, que "isso é uma aberração. Deveria ser construído um terceiro banheiro nas escolas para

esse tipo de aluno. Assim evitaria usarem o dos professores”. Da mesma forma, em conversa observada nas salas dos professores, após alguns professores terem voltado de um curso sobre gênero e diversidade, uma professora falou: “Eu fui ao curso pra descansar. Eles são doentes e a homossexualidade tem que ser tratada como uma doença”. Novamente, as informações vivenciadas em campo conflitam com o coletado a partir da aplicação dos questionários, como visto abaixo, em relação ao apontamento a homossexualidade é uma doença.

No tocante a afirmação *A homossexualidade é uma doença*, 6% dos professores concordaram muito com esta afirmação e 27% dos funcionários concordaram pouco. Para as respostas dos alunos, nenhum aluno concordou no 'Colégio B'. Entretanto, 22% dos alunos do 'Colégio A' concordaram com esta afirmação.

Em uma das observações do campo, evidenciou-se que um dos alunos gays se sentia confortável em estar usando alguns elementos tidos como femininos, com bob no cabelo e passando rímel durante as aulas. Um fato interessante é que todos os seus colegas de sala agiam naturalmente em relação a seu comportamento. Por outro lado, alguns professores e funcionários achavam que ele não era normal.

Assim, para a afirmação *Alunos homossexuais não são alunos normais*, no total geral de alunos do 'Colégio A' temos 28% concordando pouco ou muito. No 'Colégio B' 36% dos alunos concordam pouco ou muito.

Contradizendo ao que foi falado na sala dos professores, por um profissional da área do ensino, que acha os homossexuais uma aberração, os professores discordam muito (100%), de que alunos homossexuais não são alunos normais. Nos funcionários há uma pequena variação, 95% discordam muito e 5% discordam pouco.

Pensar o espaço escolar como constituído por inter-relações, sendo a esfera da multiplicidade, e estando sempre em movimento, demanda o reconhecimento de um outro caminho de discussão em relação ao espaço, não orientado exclusivamente a reprodução da heterossexualidade compulsória, mas de certa forma, à sua transgressão. Esta espacialidade não é apenas estruturada pela norma, mas também pelo seu desvio, não é formada a partir da exclusão de *insider* e *outsider*, mas constituído por centro e margem de relações de poder.

Tanto o gênero – sexualidade como a espacialidade da escola são cotidianamente inventados. Isso se deve, como analisado por Ornat (2009), ao fato de que, como visto em sua reflexão relacionando território e prostituição travesti, mesmo que os gays visivelmente afrontem a linearidade discutida por Butler (2003) entre sexo, gênero e desejo, eles cotidianamente constroem a mesma sociedade heteronormativa que os exclui. Cada

espacialidade vivenciada cotidianamente pelos gays constitui uma rede de relações socioespaciais, estando dentre elas a espacialidade escolar, formando o que Rose (1993) denomina de espaço paradoxal.

A autora baseia-se na imaginação espacial de Teresa de Lauretis (1987). Rose (1993) aponta para a importância de outras orientações identitárias, onde as reflexões devessem ir além das diferenças sexuais. Outros elementos devem ser considerados nas suas experiências em relação a outras esferas identitárias dos sujeitos, formando uma pessoa não unificada - múltipla, dividida – contraditória. Para Rose, esta pessoa é associada a um distinto sentido de espaço, multidimensional, contingente e em movimento, onde as ocupações entre centro e margem, *insider* e *outsider*, são ocupadas simultaneamente.

Este caminho proporciona à reflexão e articulação de diferentes estruturas espaciais. Cada relação tipificada possui uma espacialidade, compostas por relações de poder, nos moldes de Foucault (1998), pois “o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 1998, p. X) e espacialmente.

O surgimento desses ‘novos’ sujeito vem a contribuir cada vez mais por uma nova (re)estruturação do espaço, que era simplesmente regido por uma regra de heteronormatividade vigente. A mostra é fato ocorrido no “Colégio A”, onde os alunos gay relataram a dificuldade de usarem o banheiro. Se fossem no banheiro das meninas, algumas não gostavam, mas se usassem o dos meninos, além de brigar, alguns ainda intencionavam abuso. A solução encontrada pela equipe pedagógica foi que estes alunos passassem a usar o banheiro dos professores.

Como relatado por um aluno gay, fora falado que usa escondido o banheiro das meninas. Aparentemente foi encontrada uma solução para esses alunos usarem o banheiro. Mas um professor falou na sala dos professores que deveria ser construído um 3º banheiro na escola para evitar constrangimentos, como dito acima. Cabe salientar que o espaço não é apenas constituído pela sobreposição de dominadores e dominados, mas sim complexidade existenciais e portanto, espaciais.

A composição do espaço entre centro e margem também determina relações de poder. Foucault (2007) definiu o poder “como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado”. (FOUCAULT 2007, p.102). Devemos compreender o poder como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio de onde se exercem e distinto de suas relações.

As relações de poder não são algo fixas. Essas relações são mutáveis de acordo com a

situação que as apresentam. Como ocorre nos 'Colégios A' e 'B', alunos gays são tratados como margem na hora do recreio e nas relações com as amigas estão na centralidade das relações de poder. Assim, a companhia das amigas torna-se uma espécie de segurança, como no relato de um dos alunos gays: “sei lá, elas são uma proteção pra mim, porque se falarem algo pra mim, mesmo eu não respondendo, elas respondem”. Isso mostra que por um lado as amigas são para ele um porto seguro, e por outro, como afirmado por Foucault (2007), que as relações de poder são intencionais e não subjetivas.

Em seu livro, Louro (2004) relata que mesmo os discursos favoráveis à homossexualidade não escapam da heterossexualidade. Como visto em suas palavras:

Seja para defender a integração (...), seja para reivindicar (...); seja para considerar a sexualidade como originalmente 'natural', seja para considerá-la como socialmente construída, esses discursos não escapam da referência à heterossexualidade como norma. (LOURO, 2004, p. 45).

Essa norma de heterossexualidade vigente faz com que muitos dos gays ainda se mantenham de certa forma 'dentro do armário', pois o assumir-se homossexual traz consigo o medo de sofrer com preconceitos e julgamentos. No caso do espaço escolar, em questão a esta situação, os meninos que são gays assumidos, não fazem a menor questão de disfarçar e mais, destacam que fogem da regra tradicional. É claro que além dos gays declarados existem no espaço escolar outros meninos que de certa forma não 'saíram do armário', grupo qual não fora objeto de interesse da presente reflexão.

Para a construção de um novo espaço, devemos pensá-lo de forma paradoxal. Como tratado por Rose (1993), muitas vezes o separatismo é oferecido, paradoxalmente, como uma forma de pensar sobre a coalizão e a resistência. Segundo a autora, este espaço de separatismo pode ser composto pelas inter-relações. Sendo assim, os sujeitos ocupariam margem e centro do espaço simultaneamente. Acima de tudo, através destes espaço as diferenças podem ser toleradas, mas nunca apagadas.

O espaço escolar é constituído através de multiplicidades, sejam elas raciais, étnicas, política, social ou até mesmo sexuais, multiplicidades estas que se fazem através das inter-relações, que podem ser pacíficas ou conturbadas, pois cada sujeito tem sua forma de pensar e agir.

Muitos dos alunos evitam estar perto dos homossexuais. Uns preferem não ter contato nenhum, outros até conversam, mas ainda evitam. Podemos apontar um terceiro grupo, heterossexual, que não se importa e estão sempre perto dos alunos gays. Mas de qualquer



forma, em total de pessoas, temos maior rejeição do que acolhimento, de toda a comunidade escolar. Isso também fora demonstrado através do questionário, pois os meninos apresentam um maior índice de rejeição e preconceito para como os alunos que fogem da heteronormatividade. No caso de professores e funcionários, a escolha de negativas de preconceito nos questionários escamoteia a prática cotidiana de preconceito e discriminação.

É através do espaço escolar que passamos um bom tempo de nossas vidas. O espaço escolar, assim como a sociedade em geral, é um espaço de heteronormatividade. Sendo assim:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz e pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, e o que é feminino ou masculino em uma sociedade e em um momento histórico (e espacial). Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.(LOURO,1997, p. 21).

É através desta espacialidade e destes posicionamentos, é a partir também da espacialidade escolar, que se constroem as relações entre os sujeitos. Isso evidencia a multiplicidades dos diversos grupos que o compõe a partir de diversidades sociais, de gênero, de raça e de sexualidade.

### **Considerações Finais**

A presente discussão evidenciou a relação entre espaço escolar e vivência cotidiana gay, a partir de alianças, distanciamentos e paradoxos, tendo como exemplo o caso dos Colégios Estaduais localizados no município de Pirai do Sul – Paraná. Demonstramos que a escola é uma espacialidade que é mais que um local de apropriação de conhecimento. Indo além, o espaço escolar é um componente da existência social, constituído e constituinte de significados. Espacialidade que era majoritariamente formado por meninos e meninas, passa gradativamente a ser contestado não apenas pelos seus opostos, mas por uma nova lógica e conflito entre norma e desvio de norma. Assim, a partir da resposta de campo evidenciamos como o espaço escolar estrutura as relações sociais entre gays e comunidade escolar a partir de distanciamentos, paradoxos e alianças.

### **Referências**

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, Um Conceito - Chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografias: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15 – 47.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. São Paulo: Editora Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

JUNCKES, Ivan Jairo; SILVA, Joseli Maria. Espaço Escolar e Diversidade Sexual: um Desafio às Políticas Educacionais no Brasil. **Revista de Didáticas Específicas**, nº 1, 2009., p. 148-166.

LAURETIS, Teresa de. **Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho- ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Geographia**, ano VI, nº12. dez. 2004.

MEC. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS – INEP. 2009.

ORNAT, Marcio Jose. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia Feminista. **Terr@ plural**, jul/ dez 2008, p. 309 – 322.

\_\_\_\_\_. Espacialidades travestis e a instituição do território paradoxal. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009, p. 177 - 209.

ROSE, Gillian. **Feminism and Geography. The limits of geographical knowledge**. Cambridge, Polity Press, 1993.

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. 3ª Edição. São Paulo, HUCITEC. 1986.

VALENTINE, Gil. (Hetero)sexing space: lesbian perception and experiences of everyday space. **Environment and Planning D: Society and Space**, vol. 11, 1993, p. 395 - 413.